

- 3 NOV 1986

Valorização do professor

Poucas carreiras tão sofridas quanto a do magistério. Por mais que todo início de governo proclame o contrário, na forma de vastos e profundos planos educacionais, ao fim e ao cabo é o magistério que acaba pagando o preço de abandono, através de baixos salários em troca de atendimentos ainda razoáveis para os padrões brasileiros. Daí as sucessivas e crescentes greves, avassalando periodicamente o País, escolas a dentro. Com considerável desestímulo, desde cedo, para as próprias crianças obrigadas a assistir ao espetáculo das queixas e mobilizações de protesto dos seus mestres.

Agora é a vez do governador José Aparecido encaminhar mudanças também no magistério. Parece começar pelo melhor caminho. Preferiu dar uma surpresa aos interessados, ao anunciar já a implantação, não apenas a intenção, do quadro de carreira do pessoal do magistério e dos funcionários da Fundação Educacional. Realmente, não poderia haver melhor novidade, que inclusive se antecipa a reivindicações ruidosas de paradas de aulas em todo o Distrito Federal.

E que desde uns vinte anos que os mestres, pobres mestres, lutavam por algo equivalente, aliás implantado em quase todo o Brasil, com o Distrito Federal entre as raras exceções. Pena que os beneficiados se limitem, por enquanto, a um terço dos que fazem jus à medida. Os demais esperam

ansiosamente a extensão do plano. Tinham de que se regozijar os candidatos, apoiados pelo Governador do Distrito Federal, para as próximas eleições. Eles devem estar comprometidos com mais esta meta. A causa da educação é matéria de salvação pública, dizia Vargas em lema inscrito na entrada do antigo Ministério da Educação e Cultura no Rio de Janeiro, pena que tantas vezes esquecido.

Unindo a palavra ao ato, o Governador José Aparecido passou a inaugurar mais salas de aulas. Numa boa idéia, a de ampliar instalações existentes, em vez de recomençar tudo de novo a cada edifício, erro freqüente no passado, por conta da vaidade de alguns governantes querendo comparecer a todas as partes ao mesmo tempo.

Tem de haver realismo. Não sobram os recursos. Mesmo na educação, devem-se evitar os desperdícios. Houve inclusive quem, anos atrás no Rio Grande do Norte, implantou uma campanha sob o lema "De pé no chão também se aprende a ler". Era a localização de ambientes de aula desde as igrejas, naturalmente nos horários fora do culto, aos prédios públicos além do expediente, em galpões e até sob alguma árvore frondosa: escolas de pobre em região pobre, com toda objetividade.

A própria comunidade se oferece, com maior entusiasmo que qualquer outra obra, a construir

em mutirão as escolas para seus filhos. Isto, sim, é a semente do futuro, sem nenhuma retórica.

Os professores mais antigos serão os primeiros contemplados com o plano de carreira e deveriam receber as melhores salas de aula, nas escolas de sua conveniência, como estímulo adicional. Quantas vezes a distância do local de trabalho atormenta igualmente esse outro tipo de trabalhador, o mestre ganhando pouco e obrigado a gastar horas de ônibus, pois muitos deles não têm carro. O GDF anuncia, como compensação, a implantação final do plano de carreira dentro de três anos, a partir de janeiro do próximo ano, sem esquecer os reajustes salariais de até 87 por cento, portanto muito superadores à inflação. Poucas profissões os merecem mais que os mestres, postergados há décadas. Espera-se e confia-se num respectivo incremento qualitativo do seu trabalho, porque se sabe estarem eles muito sobrecarregados. Qual o motivo pelo qual Brasília não desempenhava mais esse relevante papel para o Brasil, o de laboratório educacional? Seria a maior contribuição para o País, ao lado da sua arquitetura e do seu urbanismo tão celebrados em prosa e verso. E fatos.

Neste contexto, trata-se ainda de uma realização que imortalizará um governo inteiro, apontado como exemplo tempos adiante. O governador José Aparecido pode, com razão, estar pensando inclusive nisto.